

O GENTIO

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO.

EXTERNATO DO COLLEGIO DE PEDRO II.

A papirocratia ou 1858.

Em todos os séculos da humanidade tem predominado mais ou menos algum facto que os assinala, que inspira a seus aedas de quem suas chronicas tem o cunho e que os distingue dos outros: assim nos primeiros tempos quando ainda a humanidade se balançava em seu berço perfumado de flagrantes flores, humedecidos pelo rosio da manhã da vida, quando o homem despertava do primeiro sonno que dormira no Eden, quando a natureza bella e animada se apresentava aos olhos ardentes do peccador exilado: de seus labios entre abertos pela admiração um grato hosano de entusiasmo ergue-se á divindade; assim na aurora do mundo fulgura a poesia sagrada: as chronicas de então eram embalsamadas das emanacões do incenso que os primeiros tieis ergueram a Jehovah.

O caracter predominante da época era o culto á divindade.

Depois vieram outros tempos em que predominaram outras idéas.

A guerra era iminente entre os homens; a barbaria a auctorisava; o homem cançado de caçar as feras, caçava seus semelhantes.

Foram então os valentes caçadores, os denodados guerreiros que encheram a scena do drama da humanidade nessa época: sua poesia era a epopéa.

E' o louvor dos heroes que caracterisa essa segunda época.

Passemos em branco as paginas que nos restarem do livro da edade antiga, volvamos o capítulo da edade media. Então as nações reagem contra a fusão dos principios politicos que Roma havia trazido: nesse horizonte enblado, onde custava a surgir o genio, nota-se comtudo o feudalismo e os cru-

zados que doiram com fugaz brilho a atmosphera da edade media.

E' pois a reacção que caracterisa a edade media.

Sumio-se essa época na noite dos tempos e um outro élo da cadea do futuro pesou sobre a terra: é a edade moderna: ahi o progresso se realiza; as descobertas em todos os generos se succedem; a religião do Golgota torna de novo Roma *caput mundi*: é esse o impulso violento do homem que tem sede do progresso que caracterisa a edade moderna.

Volvamos agora os olhos para a época actual; seu caracter, facto que a assignala, é a papirocratia: mas, direis vós, basear todas as instituições, fundar todos os interesses sobre leves folhas que se imprimem de todos os caracteres, que se vergam á menor aragem? E' por isso mesmo: porque nessa época é mister vergar-se ao tufão da prepotencia que queima as flores da liberdade, é porque é mister imprimir-se todos os caracteres, conceber todas as opiniões, e sujeitar-se a todas as imposições dos magnatas que o papel serve para o rei do mundo.

Lançando os olhos agora ao importante ramo da administração publica, ás finanças veremos que se o dinheiro governa o mundo, se quasi toda a força do dinheiro, se o dinheiro mesmo é moeda papel, logicamente se segue que o papel é o rei do mundo: mesmo no horizonte das letras, só o homem que tem certos papeis que se chamam diplomas, é o que tem o direito exclusivamente do talento e da fama.

Mas se o seculo é das *luzes*, e a luz tem fogo, nada mais natural que esse até o papel o reduza a cinzas a sociedade e suas instituições.

ANTONIO BURNIER.

O' Connell.

Não ha na Inglaterra expressão mais sincera e energica de revolução, do que o partido irlandez dirigido por O' Connell. Durante muitas legislaturas a Irlanda teve ocupada uma parte dos debates no parlamento: difícil seria encontrar uma sessão em que seus representantes não tinhão feito ouvir a eterna accusação de sua oppressão e sofrimentos.

Depois da amancipação, as questões da reforma municipal, da igreja e dos dízimos foram longa e fortemente disputadas pelo acerrimo e incansavel campeão da liberdade de seu paiz, O' Connell, que as sustentou com um vigor e uma audacia inabalaveis.

O orgulho de Kerry, a gloria de Munster, Daniel O' Connell nasceu em 1775. Destinado á Igreja foi educado no collegio dos jesuitas de S. Omer, porque então não havia collegio catholico na Irlanda; porém O' Connell tinha um genio demasiado ardente para a vida claustral, demasiada ambição para o obscuro exercicio do apostolado. Passou pois ao estudo das leis em 1796 e achou nos trabalhos desta profissão os primeiros elementos de sua influencia politica: elle nunca foi jurisconsulto profundo, era antes o partidista do que o advogado de seu cliente.

O' Connell era de estatura alta, rosto varonil e ao mesmo tempo bello, que excitava a confiança: seu espirito e seu corpo estavam em continua agitação: a primeira vista se reconhcia nelle o homem que devia vingar as injurias do seu paiz: seus pensamentos tinham demasiada energia e impetuositade para a submeterem a um metodo judicioso, que olhava com desdén: seu estylo era rigoroso, fecundo, porém incorrecto: sua eloquencia residia mais na forma do que no fundo de seus discursos, que varias vezes sobreviviam ás circumstancias que o motivaram: seus sentimentos podiam mais do que sua razão: era sempre dominado pelas circumstancias do momento: elle permaneceu sempre fiel á sua cauza: de uma violencia extrema, era bom por natureza: não conhecia o odio, e não sendo contra os interresses de seu paiz, supportava com pa- ciencia qualquer injuria pessoal.

Atravéz de todas as qualidades e de todos os de-

feitos deste homem, apparece uma força irresistivel, porém esta força não reside nelle, mais sim na causa que defende.

JOSÉ CARLOS RODRIGUES.

LANCE DE OLHOS**Sobre a revolução Franceza.**

E' chegado o momento em que um povo não pôde tolerar mais os abusos dos nobres; as sementes lançadas sobre elle por Voltaire, Montesquieu e Rousseau brotam agora: a victimá destinada ao sacrificio é a familia Bourbon.

Em 1789 começaram a divulgar-se idéas republicanas e a liberdade era o unico pensamento do povo, que já estando cansado de carregar a cruz da miseria, arremessa-a no solo franeez, fazendo correr rios de sangue. Esta catastrophe que veio libertar a França da perversidade do reinado de Luiz XV, da altivez da nobreza e da desmoralisacão do clero, pôde dividir-se em tres periodos.

No primeiro periodo vê-se Mirabeau, orador do povo calcando e preparando o tumulo para a nobreza e com a sua eloquencia vencendo a todos: neste periodo o povo é vencedor: Mirabeau morre; mas ja não morre o homem da liberdade, mas sim o traidor. Maria Antoniette venceu-o!.... ella era uma mulher!... basta.

No segundo periodo dominam os Girondinos; então brilha o talento oratorio de Vergniaud cercado pelos mais notaveis franezes, que seguiam esse partido. Este habil girondino teve de votar pela morte de Luiz XVI: a França queria, o povo ordenava. A morte deste monarca foi o signal de decadencia girondina e do poder dos Montagnards que tinham arremecado sobre o Universo a luta do desafio. Quem podia combater o furor da plebe que contava a alta Marseilha? Este hymno que faz ressuscitar os cadaveres já descarnados e entusiasmados, desde logo, pelo som dos tambores e das cornetas, cria animo e se arma guerreiro da liberdade.

O horror apparece: vem o terceiro periodo, já brilhava a eloquencia; brilhava tambem a liberdade, só faltava aparecer o terror.

Os primeiros nomes montagnards foram, Marat,

que depois de ter feito a guilhotina coalhar-se de sangue girondino, foi apunhalado por Carlota Corday: Danton, o touro da revolução que foi condenado pela propria convenção e Robespierre que teve esse mesmo fim.

Vamos ver em que estado se achava a familia real: Luiz XVI morrera guilhotinado, Maria Antonieta, que depois de feita prisioneira como uma scelerada, e Isabel, irmã do rei, tiveram o mesmo fim, porém sobreviveu seu filho Luiz que foi aprender a sersapateiro em casa de um Simão que o maltratava como não se maltrata hoje um escravo.

A liberdade se achava manchada, os montagnards para coarorem sua obra, fizeram com que uma prostituta fosse levada a publico como *Deusa da Razão*.

Que mais quereis? a que ponto mais poderia chegar a estupidez destes homens, se já tinham chegado a seu zenith? Uma mão de ferro havia de pôr termo a esta catastrophe. Quem seria capaz? Napolcão.

I. M. ALVARES DE AZEVEDO.

A. noite de S. Bartholomeu.

(CONTINUAÇÃO).

Ganho o coração da mãe estava tambem o do filho, porque Carlos IX é um dos typos dos *Reis Frances* da idade media que, enquanto estavam sepultados nos atoínitosos prazeres, deixavam o governo a seus *Maires*, que eram os verdadeiros reis.

Assim os Guises, depois de obter o consentimento da rainha mãe, trataram de pôr em execução o seu terrivel projecto. Escolheram para isso o 24 de agosto de 1572, dia de S. Bartholomeu. Catholicos foram chamados das diversas províncias de França, e para distinguirem-se dos Huguenotes, cruzes encarnadas foram espalhadas secretamente entre elles que as deviam trazer no ombro esquerdo por cima dos gibões.

Nesta noite terrivel, profundo silencio reiuava na cidade de Paris: dias antes, já diversos correios haviam sido expedidos para outras cidades, assim de comunicar aos governadores, que na mesma noite e hora fizessem reproduzir as scenas da capital.

O signal para o principio da carnagem devia ser

dado á meia-noite pelo sino de S. Germain d'Auterrois: os Guises anciosos esperavam por esse signal para acabar com seus inimigos. Bem depressa fez-se ouvir a primeira badalada do sino de S. Germain agitado pela mão do rei!...

Milhares de homens armados e trazendo no ombro esquerdo uma cruz invadem as ruas de Paris, saqueando, ferindo e matando. Espectaculo horrivel que nenhuma penna por mais fina pôde descrever: quanto mais ferem e matam, mais desejam ver correr o sangue dos feridos, ou antes, de seus irmãos.

A. L. GOMENSORO.
(Continua.)

Cromwell.

Lá na nevoenta Albion, sóbe os degráos do cadafalso um rei, que oferecendo, e negando ao mesmo tempo a liberdade de seu povo, é por elle julgado criminoso.

Succede a este infeliz rei, um filho obscuro do povo, a quem o grande Luiz XIV manda cumprimentar como o primeiro homem do mundo!

Cromwell! Eis o nome que no 17º seculo faz pulsar o coração dos povos perseguidos pelo despotismo, e empallidecer em seus dourados thrones os reis, que mal comprehendiam sua missão na terra.

Ao folhear as paginas da interessante historia da Inglaterra, se deparardes com a execução de um rei no cadafalso, não lancéis o odioso dessa morte a Cromwell: elle não perseguiu a Carlos I., acompanhava os Ingleses nos seus sentimentos patrióticos, e mais ardente que seus compatriotas, fez-lhes saber que a liberdade, ainda desconhecida na Europa, devia acclimatar-se na Inglaterra, como a primeira base etc. de seu engradecimento futuro.

Lancemos um rapido olhar para a senda percorrida pelo heróe nas luctas dos parlamentos contra o rei.

Em Westminster distingue-se entre a seita dos independentes; vence o principe Roberto em Marston, subjuga a Escossia que começava a trair os primeiros juramentos pela causa do povo e a Irlanda, cumplice no crime da Escossia, teve a

mesma sorte; com a morte de Carlos I em 1649, não terminaram as guerras civis; os Escossezes, auxiliando Carlos II são derrotados pelo exercito de Cromwell em Dumbar, Carlos II passa á Inglaterra e ahí reunindo alguns partidarios do seu infeliz pae, marcha contra Cromwell em Worcester; onde vio derribar-se todas as suas aspirações ao throno de seu pae.

O heroe sóbe ao poder, rejeitando a purpura contra a qual tinha combatido. A Inglaterra, como republica, representou um dos principaes papeis no grande drama dos acontecimentos da Europa. Sua marinha, commercio, suas conquistas, e o receio que como nação forte, inspirava aos outros paizes seus competidores, faziam nascer um orgulho justo no coração dos Ingleses, de ter um irmão, que filho do povo, tornou-se pelo amor á patria, superior aos passados reis.

Que importa que o chamem Usurpador ? Se a Inglaterra devia ser governada por mãos de despotas, era preferivel que essas mãos espargissem sobre ella a felicidade, gloria e riquezas, do que pezasse, como de bronze, peando a civilisação, e o seu progresso.

O batão do Sena, esse astro que hoje se some nas montanhas azues da França, depois de ter feito pulsar o coração de seus irmãos, e escaldado a sua imaginação nos sonhos da liberdade; Lamartine emfim, teceu em entusiasticas phrases uma apologia ardente a Cromwell; e eu, acompanhando humilde o grande poeta, não faço mais do que mostrar a admiração que nutro pelo grande Protector da Inglaterra.

R. Figueira.

Canto do escravo.

Si mimosa uma lyra de amores,
Si sonora, si é cheia de luz,
E' bem triste uma lyra de dôres
Do paciente que geme na cruz.

E se encanta a gentil Philomela
Com seu trino de doce saudade,
Tem encanto tambem e é bella
A voz forte que diz—liberdade. —

Silencio! turba escutai,
Vinde ouvir canto de morte,
Do patriota que a sorte
Perseguiu; povo escutai !

Que cruel fatalidade
Fez-me amar a liberdade
Que custa tão caro assim ?
E que máo anjo surrio-me,
Que má estrella luzio-me
Dizendo perto meu lím ?

Quando a ferrea T'rania
Que de tudo desconfia
Nos tolhe o livre querer ?
Si não pôde a humanidade
Cultivar a liberdade,
Vem mesmo livres morrer.

Onde foram si meus sonhos
Dissiparam-se tristonhos,
Qual subtil leve fumiaça ?
E depois o que é que achei
Nessa taça que libei ?
Auiargo fel e desgraça.

Silencio ! turba escutai,
Vinde ouvir canto de morte
Do patriota que a sorte
Perseguiu; povo escutai !

A. BURNIER.

A violeta.

A' fresca sombra de regato undoso
Nasce a violeta de mimosas cores:
Revela ao começar gratos amores,
E ao decahir do sol sentir saudoso.

Como a rosa, não tem porte orgulhoso,
Inda que excede por demais as flores;
E entre os seus sympathicos fulgores
Tem da modestia inefavel gozo.

Occulta nasce essa flor singela,
Não recebe do sol o raio adusto,
Cresce mimosa, delicada e bella.

Occulta vive, não perturba o susto
Brilhante vida da brilhante estrella,
E ao occaso do sol morre sem custo.

A. BURNIER.

Typ. —FLUMINENSE— de D. L. DOS SANTOS,
Rua Nova do Ouvidor n. 6.